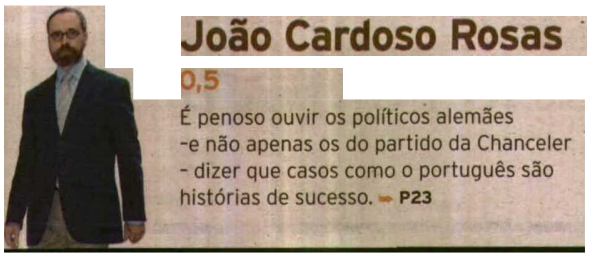
manchete

Diário Económico

18-09-2013

Periodicidade: Diário
Classe: Economia/Negócios
Âmbito: Nacional
Tiragem: 18714
Temática: Política
Dimensão: 252
Imagem: S/Cor
Página (s): 5/23


Proprietários e inquilinos contestam mudanças nas rendas



João Cardoso Rosas

0,5

É penoso ouvir os políticos alemães -e não apenas os do partido da Chanceler - dizer que casos como o português são histórias de sucesso. ➥ P23

manchete

Diário Económico

18-09-2013

Periodicidade: Diário
Classe: Economia/Negócios
Âmbito: Nacional
Tiragem: 18714
Temática: Política
Dimensão: 252
Imagem: S/Cor
Página (s): 5/23

0,5



João Cardoso Rosas
Professor universitário

Já sabemos de que tratam as discussões com a 'troika': da opção entre uma meta para o défice para 2014 de 4%, ou então de 4,5%. Diante dessa grande decisão histórica, talvez similar à de invadir a Normandia ou atravessar o Rubicão, o primeiro-ministro e o seu vice ainda fazem o seu habitual número de circo. O primeiro diz que o nosso Governo não é suficientemente audaz para solicitar uma tão grande concessão. O segundo diz que já pediu e que não foi atendido, mas ainda tem esperança.

Tinha toda a razão Fernando Ulrich quando chamava aos emissários da 'troika' "funcionários de quinta ou de sétima linha". Mas o mesmo epíteto devia ser aplicado aos nossos governantes, na medida em que a sua visão negocial é idêntica: cortar em todo o lado, cortar mais um bocadinho ou menos um bocadinho, cortar aqui ou acolá. Para tais negociações pequenos funcionários bastam. A questão é: onde estão os políticos, para não falar dos estadistas?

As avaliações da 'troika' e, segundo parece, até as conversações de alto nível em Bruxelas, são conversas sobre coisa nenhuma porque se inserem num mesmo paradigma, ditado pelos interesses económicos e políticos da Alemanha, ou pela sua agenda ideológica e moralismo protestante. É penoso ouvir os políticos alemães – e não apenas os do partido da Chanceler – dizer que casos como o português são histórias de sucesso. Claro que estas são estórias para enganar eleitores alemães, mas até alguns portugueses elas conseguem enganar, a começar por quem nos governa.

Aquilo que temos de discutir não é meio ponto percentual do défice. Esse é um tema inexistente no jogo de sombras em que se transformou a política europeia. Aquilo que é preciso discutir é o paradigma alternativo a este, ao que temos e que já sabemos que falhou. Em vez da manipulação continuada da opinião pública europeia, necessitamos de dizer a verdade: que o ajustamento nos países em dificuldades é necessário mas tem de ser mais lento para não ser contraproducente, que é preciso renegociar as dívidas, que é necessária mais solidariedade intra-europeia para salvar o euro, ou então pensar a sério na saída de alguns países, a começar pela Grécia e Portugal.

É este paradigma que temos de negociar. Era isso que deveria ser abertamente defendido pelos governos da periferia ou, ao menos, pelos partidos socialistas e social-democratas junta da 'troika' e da própria Alemanha. Mas figuras como François Hollande e outros líderes europeus tiram-nos toda a esperança. Também eles conjugam, de formas diversas, a frase "não há alternativa", o que demonstra que vivem em estado de pusilanimidade política e mental. Em vez de formularem o paradigma alternativo na área do centro-esquerda deixam-no à solta para os partidos extremistas e os movimentos anti-política. ■